



A presença da morte na vida mental

Reflexões psicanalíticas a partir do filme “Um Conto Chinês”

Decio Tenenbaum

Na década de 1970, um psicanalista argentino dedicado à assistência integral ao paciente orgânico, Isaac Luchina, juntamente com Noemi Luchina e Héctor Ferrari, criou um conceito para descrever, e assim poder ensinar, a prática do diálogo clínico entre profissionais de diferentes formações envolvidos no tratamento de um mesmo doente. Interconsulta foi o nome dado por ele para designar o tipo de diálogo que precisa ser estabelecido para que o médico e o psicólogo, no nosso caso, o psiquiatra e o psicanalista, possam se entender para a otimização do tratamento do paciente deles.

O simpósio, que o evento dessa noite faz parte, tem esse espírito, cuja iniciativa é extremamente louvável. Nesses dias a SBPRJ se dedica ao exercício do diálogo entre psiquiatras e psicanalistas tendo a doença depressiva como tema. Espero que seja um verdadeiro diálogo e não dois inteligentes monólogos. O primeiro nos transforma; do segundo saímos como entramos, no máximo um pouco mais esclarecidos sobre o ponto de vista alheio. Na interconsulta cabe ao psicanalista fornecer as informações sobre a dinâmica mental do paciente que complementem o diagnóstico psiquiátrico (fenomenológico) e a condução do tratamento. Vamos fazer esse exercício aqui.

O filme “Um Conto Chinês”, de 2011, dirigido por Sebastián Borensztein, nos apresenta, na perspectiva existencial, o inusitado interferindo em nossas vidas e como cada um lida com os acontecimentos da própria vida, que é o ponto central para nós psicanalistas. É também um filme contra rótulos fáceis. E, nesse sentido, a escolha foi excelente, pois o filme nos oferece dois personagens, Roberto e Jun, através dos quais temos a oportunidade de examinar psicodinamicamente duas circunstâncias da condição humana: a perda de uma relação significativa e a ausência de um vínculo básico, ambas relacionadas com luto, retraimento e depressão. Vejamos:

Roberto vive na casa dos pais, mas dela não cuida, parece deixá-la morrer aos poucos, cultua a mãe como se viva fosse e depois de perder o pai aos 19 anos deu continuidade ao trabalho dele. Por uma dessas ironias do destino, a morte do pai ocorreu em uma circunstância que reforçou a ferida anterior. Embora não se possa considerá-las idênticas, pois a primeira corresponde a uma ausência enquanto que a subsequente configura uma perda, ambas foram vividas como se a vida do filho tivesse trazido a morte para os pais. E Roberto parece viver a vida dos pais, de forma rotineira e regrada, dormindo pontualmente na mesma hora, tomando o mesmo café da manhã e colecionando fatos inusitados relacionados com mortes absurdas, como julga ter sido a dos pais. Também é um homem correto e justo, constantemente lutando contra o logro por se

sentir um logradouro de saída ou, o que é psicodinamicamente a mesma coisa, um eterno enganado. Vive isolado e se distrai assistindo aviões chegarem.

Do ponto de vista fenomenológico, seria ele portador de um transtorno depressivo? De um transtorno obsessivo? Seria um melancólico com traços obsessivos? Um obsessivo que ficou deprimido depois da perda do pai? Ainda não dispomos de uma nosografia psicanalítica para haver esse tipo de diálogo com os colegas psiquiatras. Tenho dúvidas se algum dia esse diálogo terá esse nível de sistematização, principalmente porque o entendimento psicodinâmico é individual, único para cada paciente. E essa é justamente a contribuição psicanalítica para o diálogo interprofissional, pois é o entendimento psicodinâmico que possibilita a individualização de cada tratamento.

E o inusitado acontece mais uma vez na vida de Roberto, mas não na forma da morte e sim da vida, embora trazido pela morte. Jun entra na vida de Roberto quando ele relaxava vendo aviões chegarem, provavelmente imaginando situações de reencontro, como se ele passasse a vida esperando alguém chegar ou voltar: a mãe, que foi embora para o céu quando ele nasceu?

Jun, também um órfão, acabou de perder sua noiva em uma situação inusitada. Ficamos sem saber as circunstâncias da orfandade de Jun, mas a disposição dele para a vida nos leva a supor que a dele não foi tão precoce quanto a de Roberto. A perda sofrida por Jun levou-o a buscar o único parente que ainda lhe restava, a ausência precoce de Roberto, a ausência da experiência diádica, como sói acontecer, tornou-o um solitário, arredio e retraído porque ela é fundamental para o desenvolvimento do sentimento de segurança e da capacidade de se viver as situações de dependência e confiança, as bases do amor.

No périplo para encontrar o tio, Sebastián Borenztein faz Jun passar por situações que demonstram, pelo absurdo, o papel do Estado de amparar e proteger os cidadãos. As reações de Roberto, desesperadamente agressiva, e a de Jun, esperançosa, diante do desamparo social decorrente do descaso das instituições governamentais confirmam os achados de Bowlby e revelam o tipo de experiência diádica (apego para Bowlby) de cada um: o primeiro, sempre preparado para lutar, vive em estresse, sem um espaço de segurança, necessidade básica para realizar os atos básicos da vida, como ensina a Etologia, e que, na espécie humana, é construído na experiência diádica; o segundo tem a confiança necessária para se jogar na vida. Enquanto Jun confiantemente busca relações, Roberto retraidamente evita vínculos.

Jun encontra Roberto, um homem já em sua meia-idade, casmurro e rabugento, retraído, vivendo só e aficionado pela morte, não sem motivo, pois ela é sua companheira desde o nascimento: a mãe morreu no seu parto e o pai, quando ele foi mandado para a guerra, onde ele matou e viu morrer a muitos. Roberto tem tudo para representar a si mesmo como um anjo exterminador que precisa se retrair para não causar a morte de quem ele ama.

A trama coloca os dois personagens em contraponto psicodinâmico: ambos órfãos, um tem a morte constantemente presente em sua mente, o outro perdeu alguém para a morte, corporificada em uma vaca, ironicamente um dos símbolos da vida. O argentino, traumatizado por tanta morte em sua vida e portador de uma carência fundamental, falta afetiva básica ou vazio interior, conforme cada autor denomina a lesão decorrente de uma experiência diádica insuficiente ou inexistente, retraiu-se defensivamente; o chinês, enlutado, esperançosamente busca uma nova relação. Se, psicodinamicamente, a depressão corresponde a

uma perda não elaborada, aqui não há depressão. Jun está quase encerrando seu luto, e Roberto? Roberto é um deprimido ou um lesado? Clinicamente, o que vemos em Roberto é a aparência que o lesado crônico costuma adquirir quando não há (mais) revolta contra a falta de algo fundamental ou quando ele se organizou com a concepção de que as coisas boas da vida não lhe cabem. Essas pessoas costumam atrair parceiros cujo envolvimento amoroso tem a maternagem (a experiência diádica) como uma força motriz. É o que acontece também no filme.

As ocorrências da vida se tornam traumáticas quando a transformação em experiências existenciais não acontece por algum tipo de deficiência no processo, que, na Psicanálise, tem o nome de elaboração. Esse processo é uma das funções do ego e se dá sempre dentro de uma relação, com outros (interpessoal) ou consigo mesmo (na introspecção). A elaboração costuma ser obstaculizada por incapacidade ou por incompetência do ego. A incapacidade egóica é geralmente momentânea ou circunstancial, decorrente de um conflito íntimo, pessoal ou axiológico ou por cansaço, fadiga ou doença orgânica. A incompetência costuma ser constitucional e decorrente de uma falha no desenvolvimento, a falha básica de Balint. No caso de incapacidade egóica, solucionado o conflito ou restabelecido o bem estar o processo de elaboração segue seu caminho. Quando isso não acontece e a situação conflituosa se reapresenta surgem os sintomas. Mas, com a incompetência é diferente, pois a solução costuma ser a instalação de uma prótese mental, a identificação.

Isso pode ser observado em Roberto, em quem a incompetência egóica para a experiência afetiva dentro do convívio humano decorreu de uma ausência básica, e a identificação, já que o objeto era inexistente, se deu com o agente da ausência, a morte. Como o tipo de defesa mais presente contra a presença da morte na mente é a obsessiva, Roberto desenvolveu um caráter obsessivo, pois essa presença o acompanha desde o nascimento.

E justamente no final da adolescência, quando o eu está se consolidando, a vida o levou a conviver mais com a morte, e como agente dela em uma guerra. Essa experiência, cujo dano psicológico está presente em quase todos os soldados que voltam do campo de batalha, junto com a ocorrência da morte do pai, mais uma das muitas mortes que a guerra produz fora do campo de batalha, reforçou a identificação prévia de Roberto com a morte, levando-o a se retrair, se afastar das pessoas para evitar novas mortes, além de engendrar a identificação com o objeto perdido, o pai, típica das perdas não elaboradas, base psicodinâmica do luto patológico. Roberto incorporou o culto do pai à esposa (os presentes), continuou na casa do pai e o trabalho do pai, e se tornou um adulto retraído, de caráter obsessivo e com uma aparência mais desamparada do que entristecida, ansiando pelo encontro e sofrendo no convívio.

Mas, Roberto não é um neurótico obsessivo. Comparem Roberto com Melvin Udall, caracterizado por Jack Nicholson no filme “Melhor é impossível”. E o isolamento dele não é decorrente de uma retração do ego, portanto narcísica, que engendraria uma das patologias decorrentes dessa dinâmica (ego narcisicamente inflado ou ego narcisicamente empobrecido, esvaziado). É uma retração do eu, pois o perigo está nas ações; é preciso evitar o contato para não causar a morte de quem se ama.

Quase até o final do filme acompanhamos o sofrimento produzido em Roberto pelo envolvimento afetivo. Podemos ver como o convívio ameaça desestabilizá-lo, como ocorre com todos que não tiveram uma experiência diádica satisfatória. Roberto anseia pelo encontro (a espera pelos que chegam em aviões), mas sofre no convívio. Continuando em seu papel de contraponto, Jun reage ao desencontro buscando mais

encontro. Insiste em participar da vida doméstica de Roberto depois da frustração com o “primeiro tio” e da decepção com a embaixada e com a polícia: faz o café da manhã, quer ajudar em algo. No outro pólo, o desespero e o mau humor de Roberto se acirram. Surgem as brigas. E, como acontece em muitas relações em que essa psicodinâmica bipessoal está presente, aquele que busca a relação acaba sendo levado inconscientemente a atuar, a tentar resolver o que impede o envolvimento do outro. Na vida real isso geralmente acaba mal, mas no filme Jun quebra o mausoléu da mãe criado pelo pai de Roberto sem causar o efeito que isto causaria na vida real. Foi um ato destrutivo de Jun ou um chamamento desesperado ao vínculo, como Bowlby nos ensina e característico do apego inseguro?

Para encerrar, uma última questão: por que Roberto ficou com o Jun? Por que ele não se comportou como a maioria das pessoas do filme? Foi por princípios humanitários (egóicos) ou morais (superegóicos)? Foi para fazer o correto (superego) ou foi para amparar (função de ego auxiliar)? Tenho a impressão de que Roberto amparou e ajudou Jun, mas queria fazê-lo sem se envolver, como muitos fazem. Uma ajuda formal, protocolar, e, nesse sentido, superegóica, mas isso não é possível para pessoas como Roberto. Ele havia se organizado em uma vida retraída do contato humano, mas o desamparo alheio abriu a sua ferida e ele, a contragosto, foi literalmente empurrado a se envolver, a acabar com o desamparo alheio e, assim, com o próprio também.

O filme acaba no *happy end* desejado por todos, no qual Roberto consegue estabelecer o vínculo com Jun, a partir do que se lança na aventura amorosa, uma das reedições do vínculo diádico na vida adulta, e Jun refaz seus laços familiares. Tudo isso após um diálogo claramente catártico entre os dois, no qual ambos se purificam da morte. O desenho final é um retrato da morte ou da vida? O fato de Mari se dedicar a produzir leite e o filme girar em torno dos danos que uma vaca pode causar na vida das pessoas me fez refletir muito sobre a sabedoria hindu em retratar a divindade através de uma trindade (*Trimurti*) formada por *Brahma*, o deus supremo, *Vishnu*, a manifestação da criação que tem em *Krishna* seu avatar mais importante, e *Shiva*, a manifestação da destruição.

Encerro aqui meus comentários agradecendo a atenção de todos e na expectativa de que o simpósio discuta o tratamento dos Robertos, já que na vida a catarse não é suficiente nesses casos.

Rio, 26 de outubro de 2012